

Francisco José Alves

## **As Etapas da Pesquisa Folclórica**

Aracaju, novembro de 2007

## Etimologia do Termo Folclore

O termo Folclore vem do inglês **Folklore**. O vocábulo foi inventado pelo Antiquarista inglês **William John Thoms**, pseudônimo de **Ambrose Merton** (1803-1885), em 1846, numa carta à revista **Atheneum**.

Folclore é composto de dois étimos: **Folk**(povo) e **Lore**(sabedoria). Originalmente é, assim, sabedoria do povo ou saber do povo. O autor propõe o novo termo para substituir a expressão “Antiguidades populares” ou “Literatura Popular” usadas até então.

Na Língua Portuguesa o termo de origem inglesa é **dicionarizado** em **1875**.

Um pioneiro no uso do novo termo é o sergipano Sílvio Romero (1851-1914); Em 1897 o autor publica a segunda edição dos livros **Cantos e Contos Populares do Brasil** antecedidos pelo título geral de **Folk-lore Brasileiro**. Vinte e dois anos após um outro sergipano, João Ribeiro (1860-1934), publica o livro **Folk-lore – Estudos de Literatura Popular**, (1919).

É somente após 1930 que o neologismo inglês se aportuguesa passando a ser grafado no modo atual, Folclore.

## Conceitos de Folclore

I) Iniciemos com os conceitos fornecidos pelos dicionários correntes da Língua Portuguesa.

A) O conhecido “Aurélio” nos oferece três acepções para o termo Folclore:

1ª Conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios contos e canções;

2ª Conjunto das canções populares de uma região;

3ª Estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas nas suas lendas, crenças, canções e costumes.

(FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3ed. Curitiba: Positivo, 2004. p.916)

B) O **Dicionário** “Houaiss” nos oferece quatro acepções para o termo:

1ª “Conjunto de costumes, lendas, provérbios, manifestações artísticas em geral, preservado através da tradição oral por um grupo populacional”;

2ª Ciência das tradições, dos usos e arte popular de um país ou região;

3ª Coisa fantasiosa ou invenciosa;

4ª Aspecto ou característica pitoresca ou antiquada.

(HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.1364)

A mesma fonte, trás como sinônimos de folclore: demologia, demopsicologia e populário.

C) O conhecido “Michaelis” oferece-nos dois significados para o termo folclore. Para este dicionário o termo abrange:

1º Costumes tradicionais, crenças, superstições, cantos, festas, indumentário, lendas, artes, etc... conservados no seio de um povo;

2º Parte da antropologia que estuda esses elementos: cultura geral do homem, da tradição e do micênio na atualidade, do heróico no cotidiano.

(WESZ FLOG, Walter (Editor). Michaelis: **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: melhoramentos, 1990. p.973-974)

II) Vistos os conceitos dos Dicionários da Língua Portuguesa, consideremos os conceitos formulados pelos **especialistas**: comecemos pelo mais famoso folclorista brasileiro, o potiguar Luis da Câmara Cascudo(1898-1986).

A) Cascudo assim conceitua **Folclore**: “Cultura do popular tornada normativa pela tradição.”

(CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9ed. São Paulo: Objetiva, 2000. p.241-242)

No mesmo verbete, o autor conceitua a ciência folclórica como sendo o “estudo de todas as manifestações tradicionais na vida coletiva”.

B) Um folclorista da atualidade, o professor Bráulio do Nascimento (N. 1915), concebe Folclore nos seguintes termos:

“Um corpo orgânico de modos de sentir, pensar e agir peculiares às camadas populares nas sociedades civilizadas”.

(NASCIMENTO, B. Introdução. **Bibliografia do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1971. p.13)

C) O cientista social W. A. Lessa atribui duas distintas significações para o termo Folclore. De um lado, Folclore é a “matéria não escrita ou as narrativas tradicionais como as expressas por meio de histórias, encantamentos, provérbios, adivinhações, canções, rezas, etc.”

De um outro lado é “uma disciplina antropológica que trata de tais assuntos do mesmo modo que qualquer dado etnográfico”.

(LESSA, W. A. Folclore. In: **Dicionário de Ciências Sociais**. 2ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 487 - 488. )

## Classificação dos Fatos Folclóricos

Sendo o campo do folclore muito vasto, os estudiosos do setor comumente dividem o material em alguns sub campos ou ramos.

A) O já citado Bráulio do nascimento (N.1924) adota a seguinte divisão ou classificação:

- Crençices e superstições;
- Linguagem popular;
- Lúdica;
- Artes e técnicas;
- Música;
- Literatura oral.

Cada um destes campos se sub-dividem em inúmeras rubricas. Também é notável que um mesmo fato pode ser abrigado em mais de uma classificação. O cordel, por exemplo, pode ser encaixado tanto na lúdica quanto na literatura oral.

B) O folclorista sergipano Paulo de Carvalho-Neto (1923-2003) divide o material folclórico em seis grandes blocos: Folclore Poético, Folclore Narrativo, Folclore Lingüístico, Folclore Mágico, Folclore Social e Folclore Ergológico. O **Folclore Poético**, ainda conforme este autor, comporta o cancionero, o romanceiro, refrenero, adivinhas e o cordel. O **Folclore Narrativo** se divide em mitos, lendas e contos. O **Folclore Lingüístico** aborda topônimos, apelidos, gírias, pregões, mímica, etc. O campo do **Folclore Mágico** é formado de tabus, crenças, ritos. Enquanto o **Folclore Social** congrega festas, autos, jogos, feiras, etc. Por fim, o chamado **Folclore Ergológico** agrega culinária, técnicas e transportes.

(CARVALHO-NETO, Paulo de. **Folclore Sergipano**. Aracaju: FUNDESC, 1994.)

C) A museóloga Nilza Botelho Megale, em obra publicada em 1999, classifica o material do folclore em **oito** grandes rubricas:

- 1) Sabedoria popular;
- 2) Artes folclóricas;
- 3) Manifestações de religiosidade;
- 4) Ofícios e técnicas;
- 5) Alimentação
- 6) Traje e indumentária;
- 7) Direção do lar;
- 8) Vida social.

(MEGALE, Nilza B. **Folclore Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999. p.21-23)

A pesquisa dos fatos folclóricos comporta, via de regra, as seguintes etapas ou fases: 1ª) Identificação e localização do fato; 2ª) Levantamento e leitura da bibliografia relativa ao assunto; 3ª) Registro do fato ou trabalho de campo; 4ª) Intelecção dos dados coletados; 5ª) Elaboração do relatório ou monografia folclórica.

Consideremos com vagar e por meio de exemplos, como se realizam as etapas acima apontadas; como se efetiva o fazer do folclorista ou do antropólogo; como se produz o registro e a inteligência dos fenômenos folclóricos; como os estudiosos “do folclore põem a mão na massa”?

***1ª fase: Identificação e localização do objeto.***

A pesquisa folclórica se inicia, comumente, com um interesse vago sobre um determinado fenômeno: uma dança tradicional, um folguedo, um técnica, uma crença, um festejo. Os canais para despertar o interesse inicial são inúmeros. Pode ser uma

reportagem de jornal, TV, um cartaz de uma festa... etc. movido pelo interesse inicial, o pesquisador precisa localizar o fato a ser estudado. Pode ser uma região, um município, um pequeno povoado, tudo depende do interesse e dos propósitos da investigação.

Quando se trata de uma pesquisa a ser levada a cabo por um único pesquisador, o ideal é investigar uma pequena comunidade. Quanto menor o universo investigado, maior a chance de aprofundar o fato e o seu contexto de ocorrência, considerando que o “texto” folclórico só ganha sentido quando visto enquadrado no contexto social onde ocorre.

Imaginemos, como exemplo, uma festa de santo padroeiro numa cidade interiorana... Para entendê-la como fenômeno social devo considerar o meio onde ocorre: quem participa dela, como participa, que sentidos atribui a sua participação? Só a observação sistemática do contexto irá dizer. Não posso tomar a festa como algo isolado, fora do contexto. Já a identificação do fenômeno a ser inquirido também demanda alguns cuidados. No caso acima evocado da festa os limites do fato parecem claros, demarcáveis. Uma festa de santo, geralmente, comporta novena, procissão, missa solene, etc. o mesmo não ocorre, por exemplo, quando se investiga um conjunto de crenças populares. Quais os limites dos tabus alimentares no contexto a ser observado? Seja como for, é preciso que o objeto fique claramente identificado e localizado no **tempo** e no **espaço**.

### *2ª fase: A revisão de literatura*

Tarefa incontornável numa pesquisa científica, aí incluindo a investigação folclórica, é o contato criterioso e aprofundado com a literatura atinente ao assunto. Motivado por um certo assunto é preciso levantar e conhecer o que já foi produzido sobre o meu objeto ou objetos similares. Faz-se necessário conhecer o que os outros estudiosos do setor já fizeram sobre o tema que irei investigar. Tal procedimento tem muitas utilidades. Uma delas é evitar refazer o que já foi feito; reinventando a roda. Isto não significa dizer que não se possa visitar um “velho” assunto ou objeto. Assim sendo,

nada me impede de fazer uma outra leitura do fato investigado ou focar um aspecto não abordado pela tradição.

Deste modo, por exemplo, nada me impede estudar novamente a dança de São Gonçalo de Laranjeiras, já documentada e interpretada pela Prof<sup>ª</sup>. Beatriz Góis Dantas nos anos de 1970. A pesquisadora “leu” o fato folclórico laranjeirense sob uma “chave” ou ótica sociológica. O seu propósito era inteligir os papéis sociais exercidos por aquela “dança” no contexto da comunidade.

Revisitando o objeto em questão posso focá-lo sob uma ótica estética, destacando mais a sua coreografia e os “sentidos” do vestuário usado. O objeto é inteligido sob um outro aspecto, interpretado sob um outro ponto de vista, uma outra hermenêutica do fenômeno.

Nesta fase da pesquisa, o investigador apela para as incontornáveis **obras de referências**: dicionários, enciclopédias e bibliografias especializadas. São instrumentos preciosos no inquérito do folclore. O pesquisador do folclore brasileiro tem a sorte de contar com uma obra formidável. Falo do **Dicionário do Folclore Brasileiro** do mestre Luiz da Câmara Cascudo (1898 - 1986). A obra é um preciso roteiro. Dentre as suas muitas virtudes destaco a indicação de bibliografia sobre o assunto abordado. É um “mapa da mina”. Do mesmo modo, temos a **Bibliografia do Folclore Brasileiro**, organizado pelo decano dos estudos folclóricos no Brasil, o estudioso Bráulio do Nascimento. A obra fornece ao estudioso rico arsenal de referências sobre os diversos tópicos ou campos do folclore. Traz **índice** de assunto, muito valioso.

O interessado no folclore de Sergipe também não está desvalido. Dispõe de dois guias fundamentais para se orientar na seara dos estudos. Assim, temos a obra **Folclore Sergipano**, do insigne folclorista Paulo de Carvalho Neto (1923 - 2003). O livro nos oferece exaustivo levantamento dos trabalhos sobre o folclore sergipano. Faz uma

classificação dos fenômenos folclóricos existentes e traz uma antologia de registros folclóricos. É guia indispensável. Com quase idêntico feitiço temos, de Jackson da Silva Lima, laureado estudioso do folclorismo sergipense, **Os Estudos Antropológicos, Etnográficos e Folclóricos em Sergipe**, publicado em 1984. O autor faz um histórico dos estudos do folclore sergipano, uma antologia de registros e traz alentada bibliografia, índices, estudiosos e de assuntos... É instrumento de muito préstimo

### *3ª fase: A coleta dos dados.*

A pesquisa de folclore tem no trabalho de campo um traço constante. Isto não implica, todavia, que não possa fazer exegese de gabinete sobre dados coletados por terceiros já publicados ou não. No trabalho de campo, o folclorista põe a “mão na massa”. Desloca-se para o local onde o fato ocorre e se pode observar o assunto “ao vivo” ou entrevistar os informantes. Duas tarefas básicas se impõem no trabalho de campo: o **registro da observação** e a **coleta das entrevistas**. A observação consiste, de fato, no uso dos sentidos na apreensão do fato pesquisado. Um pesquisador de folclore precisa, sobretudo, ter dois sentidos aguçados: a visão e a audição; bons ouvidos e atentos olhos...

No exercício da observação, o pesquisador deve pautar-se por um **roteiro** previamente formulado. O expediente evita a dispersão quanto ao que deve ser observado. A pauta de observação ou **roteiro** não deve tornar-se um grilhão ou camisa de força. Deve estar aberto às novidades que o fato “**in loco**” oferece. Assim sendo, acrescento ao roteiro da observação facetas do fato até então não percebidos ou valorizados. Tomemos um exemplo: numa pesquisa sobre um auto folclórico, meu roteiro manda atentar para a coreografia e as vestes. No trabalho **in loco**. Vejo, todavia, que o uso do álcool durante a festa é algo saliente, usual. Sendo assim, deve ser observado e registrado embora, inicialmente, meu roteiro não ordenasse atentar para tal tópico.

A forma mais usual de fixar a observação é a **escrita**. Para tal, o folclorista pode se valer de alguns recursos. O **caderno de notas e fichas avulsas** são os meios mais usuais. Para o controle da coleta é bom registrar a data e o local do registro. Além da escrita, o investigador pode também se valer do **registro fotográfico, filmico** ou do **desenho**. A opção por um destes meios leva em consideração a natureza do objeto investigado, as circunstâncias e, sobretudo, a reação dos observados. Ela é o fator decisivo. Quanto ao registro escrito o pesquisador deve pautar-se pela clareza, objetividade e concisão. No retorno do campo ele pode “passar a limpo” os dados coletados ao correr da pena, no instante da observação. Às vezes, no campo, só são possíveis notas telegráficas.

A entrevista é, na Ciência Social, o método universal para coletar informações de terceiros. Na pesquisa de folclore (inserida na investigação social) não é diferente. Grande parcela das pesquisas folclóricas se utilizou da entrevista. Os manuais de metodologia consignam formas diversas de entrevista. Cabe ao folclorista escolher aquela que mais se adequa ao seu objeto. Seja como for, o roteiro da entrevista deve ser formulado antes da ida ao campo, no gabinete do pesquisador. Deve conter poucas questões para não cansar o entrevistado. E contemplar somente fins atinentes ao objeto investigado: O que quero saber sobre o fato? É preciso estar claro na mente do pesquisador os objetivos usados para a entrevista.

Um outro aspecto a ser considerado para o bom êxito da entrevista é a acertada escolha dos depoentes ou entrevistados. Sobre isto não há regras de validade universal. O informante “ideal” será aquele que, na comunidade mais conhece o assunto pesquisado; os “especialistas” ou assim considerados. Tudo depende do tema a ser investigado. Assim, por exemplo, se estou investigando as benzeções medicinais de uma certa localidade, o mais acertado é escolher as velhas benzedadeiras existentes no local. Elas são

as depositárias autorizadas daquele saber. Por outro lado, se investigo a técnica de construção de um objeto, meu informante certo será o artesão especializado na confecção do objeto em apreço.

Há ainda que considerar o modo de aproximar e tratar o entrevistado. Conforme os especialistas, o investigador deve conquistar a confiança do entrevistado. Para tal, deve tratá-lo com cortesia e respeito, mas sem mimá-lo. O pesquisador não pode esquecer que aquele informante é o “senhor” do assunto no qual está interessado. Está lá para aprender o assunto. Para receber e não para dar lições. Deve antes de tudo, ouvir com atenção o depoente. O folclorista não deve comportar-se como o conhecido humorista Jô Soares que, nos programas de entrevista, não se cansa de demonstrar ao entrevistado e espectadores, que ele sabe até mais que o convidado. Saber ouvir e saber estimular o depoente são principais virtudes do bom entrevistador.

#### ***4ª fase ou etapa: A intelecção dos dados***

A coleta do material não esgota a pesquisa. Após o registro dos dados, é hora de aplicar a inteligência sobre eles. É hora de explicá-los ou compreendê-los. Em síntese, o pesquisador se interroga sobre **os porquês** e os “sentidos” dos fenômenos investigados. Neste momento da pesquisa, a cultura teórica e metodológica do folclorista é **solicitada**. No dizer dos peritos, é hora de fazer **a exegese do material folclórico coletado**. Aqui o leque de opções é bastante variado. A escolha da “**lente**” utilizada muito depende da cultura teórica do investigador das coisas folclóricas. Grosso modo, podemos falar de “**lentes**”, ou métodos **históricos, sociológicos, psicológicos...**

Convém, no entanto, encarar os métodos (acima elencados) como ferramentas ou “chaves” que revelam uma faceta ou aspecto do fato pesquisado. Os métodos de inteligência das coisas folclóricas não são **chaves-mestras do universo**. Estou

convencido que nenhum método irá revelar a quintessência do fato. Todo método revela uma **faceta** do objeto e esconde muitos outros. Nenhum deles oferece a última verdade. É somente uma **chave de leitura**. Durante muito tempo, a exegese folclórica foi dominada pelo **método histórico** ou **genético**. Para os adeptos desta linha, o fato folclórico não podia ser devidamente examinado sem retrazar as etapas da sua **gênese**, sem conhecer o traçado do seu **processo** histórico. Explicar um fato folclórico era, fatalmente, fazer o seu histórico.

Aplicador insigne do **método genético** na pesquisa folclórica foi já citado Luiz da Câmara Cascudo. Sua exegese toma, quase sempre, o feitio de histórico das **gêneses e metamorfoses** sofridas pelo objeto. Isto ocorre, de modo exemplar, no seu inventário dos “gestos brasileiros”. Sintomaticamente a obra se chama **História dos Nossos Gestos**. Nela, o autor, após descrever o gesto inventariado põe-se, incontinentemente, a historiar a expressão gestual: quando originou-se, quando chegou até nós, etc. procedimento similar é adotado em **Made in África**, obra lançada em 1964. Neste livro, o autor potiguar vai à África investigar as “origens” de muitos componentes da cultura brasileira atual. A viagem no espaço reduplica-se em recuo no tempo. Para o mestre Cascudo, **explicar é historiar. A História é forma precípua da explicação folclórica.**

É evidente que a História de um objeto diz muito sobre ele. Todavia, não desvela todos os aspectos. Assim, por exemplo, os estudos folclóricos de feitio historicista ou genético, comumente, esquecem as “funções” ou “significados” do fenômeno, nos diferentes contextos históricos. Ignoravam, por exemplo, que a crença licantrópica na Grécia Antiga não tem o mesmo significado numa comunidade rural do Brasil contemporâneo. O fato, aparentemente é o mesmo, mas os significados ou **funções variam** em conformidade com o contexto. Do mesmo modo, uma dança ritual do Candomblé não significa a mesma coisa dançada num terreiro e num palco de teatro. De

fato, **método algum é completo**. Cada um, conforme seu propósito ou feitiço põe a nu uma dimensão do objeto focalizado. A exegese folclórica tem sido sempre muito multiforme. E é bom que continue assim.

O **método sociológico** de exegese folclórica é, fundamentalmente, contextualista. Desta forma, inteligir um fato é relacioná-lo com o seu contexto social. Sob a ótica sociológica é na sociedade que o fenômeno folclórico deve ser visto. Explicar, sociologicamente, um fato é ligá-lo ao meio social no qual ele está mergulhado. Consideremos, por exemplo, uma abordagem sociológica do mito do lobisomem numa comunidade rural ou urbana do Brasil atual. Depois de descrever o fato, colher histórias sobre o bicho-homem e investigar as **explicações** para a metamorfose, o exegeta sociológico vai, fatalmente, perguntar-se pelas razões sociais da existência desta crença: Qual a função social da crença na licantropia? Qual a ligação dela com os valores morais da comunidade? É o que fez a Prof<sup>ª</sup>. Joanelice Oliveira quando pesquisou o lobisomem.

O **método psicológico** é uma outra possibilidade de **exegese**. Basicamente, em tal abordagem, o fito do intérprete é tomar o fato como expressão de uma “outra cena” ou dimensão, a dimensão inconsciente. De um lado, temos a psicologia de Sigmund Freud (1856 - 1939) e de um outro, a psicologia do discípulo dissidente, Gustav Jung (1875 - 1961). Para Freud, o “inconsciente” é uma instância individual produtora de “pulsões enigmáticas” do ponto de vista consciente. O “consciente” é somente uma “fachada” dissimuladora da estrutura inconsciente que não se visualiza diretamente. Já no entender de Jung, o “inconsciente” é coletivo. É uma espécie de arsenal de “imagens primordiais” atemporais e universais. Atravessa os tempos e se manifesta nos sonhos, nas artes, nos psicóticos, no material folclórico também.

Norteados por tais idéias, o intérprete do material folclórico tomará os objetos examinados como “expressão do inconsciente” individual ou coletivo. É o que fez o

folclorista Artur Ramos (1902 - 1969) quando tentou explicar, por exemplo, o carnaval do negro carioca nas décadas iniciais do século 20. Para o folclorista alagoano, a festa nada mais é do que uma “catarse coletiva”, uma manifestação do inconsciente ancestral, “a recapitulação de toda uma vida coletiva”. No dizer do estudioso, o que ocorre na Praça Onze era todo um trabalho semelhante ao da elaboração onírica: considerações, disfarces, simbolismos, derivações. É sob esta chave analítica que danças, ranchos e escolas de samba são encarados. (RAMOS, Artur. “O Inconsciente Folclórico”. In: CASCUDO, Luiz da Câmara. (org.) **Antologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2002. p. 320 - 322).

#### *5ª fase: Elaboração do relatório*

Finalizadas as etapas precedentes, chega a hora de transformar em texto o material coletado. O resultado da pesquisa folclórica, comumente, é a monografia, estudo exaustivo de um único objeto. O texto pode ainda tomar a forma de relatório, artigo, comunicação, nota preliminar, dissertação ou tese. É o momento de transformar as notas colhidas no decorrer da pesquisa em um todo **coerente** e **coeso**. Via de regra, a monografia folclórica, como outras monografias científicas, possuem três componentes básicos: **introdução, apresentação e análise de dados, conclusão**. Constam ainda da monografia, como partes constituintes, a **bibliografia e a lista de informantes**. Estes são os elementos usuais numa **monografia folclórica**.

Constam da **introdução** a apresentação do objeto, do método adotado, do viés interpretativo e um apanhado dos estudos anteriores sobre o tema ou o campo mais vasto no qual ele se enquadra, a tradição científica do objeto. Também é comum, na introdução, traçar um perfil do contexto geográfico e social no qual o objeto está inserido. Constam ainda da introdução, comumente, os **objetivos** da pesquisa e as **hipóteses** que a

orientaram. De fato, a introdução oferece ao leitor um registro em miniatura de todo o trabalho. É um convite à leitura. Um chamariz para que o leitor continue lendo toda a monografia. Assim sendo, a introdução deve cativar o leitor, deve seduzi-lo.

Após a introdução, vem o **corpo do trabalho**, ou seja, a apresentação e análise dos dados coletados na pesquisa. A forma de apresentar varia em conformidade com a natureza dos dados e o viés analítico adotado. Seja como for, os dados nunca são apresentados em estado bruto tal qual apanhados no trabalho de campo. O autor sistematiza os dados, os ordena conforme o critério mais adequado. Numa pesquisa sobre orações de cura de doenças, por exemplo, posso classificar as orações coletadas em conformidade com os males visados. Assim, dividiria o material em orações para cura de febres, dores de cabeça, prisão de ventre, etc. Já numa pesquisa sobre tabus alimentares, poderia dividir o material coletado em conformidade com os tipos de alimentos tabuizados.

Quanto à **abordagem dos dados**, o monografista pode se valer de qualquer um dos existentes no vasto rol dos métodos de inteligência do material folclórico. Pode ainda, combinar dois ou mais métodos. Tudo depende da cultura teórica e metodológica do autor e dos propósitos da pesquisa, dos objetivos científicos visados. É um momento difícil da pesquisa. É o momento quando o autor é chamado a **fazer falar os dados**. Neste tópico, não partidário do apriorismo teórico, ou seja, abordar os dados com uma teoria previamente escolhida. Ao contrário, penso que o autor da monografia deve **auscultar os dados** perguntando **que teoria explicativa os dados “solicitam”**; que “método” melhor responde as “indagações” postas pelo material